

Mascates: heróis errantes onipresentes no imaginário da imigração

Christina Stephano de Queiroz⁷⁶

Pesquisa realizada no acervo do Instituto da Cultura Árabe mapeou os materiais ali recolhidos e identificou elementos que permitem propor novas narrativas sobre a diáspora árabe no Brasil. Autora de estudo premiado pela Universidade de São Paulo em 2018 e publicado em 2022 sobre o poeta brasileiro de ascendência libanesa Jamil Almansur Haddad (1914-1988), a pesquisadora se apoia na figura do mascate, ou do caixeiro viajante, para sugerir caminhos de reflexão. O acervo do Icarabe encontra-se à espera de tratamento arquivístico, mas demonstra grande potencial de interesse investigativo. Entre outros itens, fazem parte da coleção publicações editadas por autores de ascendência árabe nos séculos XIX e XX, com destaque à revista O Oriente, publicada durante quase quatro décadas com textos em português e em árabe.

*"(...) caminhando pelas trilhas das serras, pelas estradas poeirentas ou barroosas, embrenhando-se pelo matagal ou pelas picadas das florestas, peregrinava de Norte a Sul, de Leste a Oeste, de cidade em cidade, de vila em vila, de fazenda em fazenda, de casa em casa, um homem que humilde, pobre e incansável, vivia outrora a mercadejar os seus artigos, levados dentro de uma mala, caixa ou baú. O Brasil de antanho não desconhecia esse bravo e audaz estrangeiro e chamava-o Matraca"*⁷⁷.

Bastani, O Líbano e os libaneses no Brasil

*"Sacralizar a memória é uma outra maneira de torná-la estéril (...). O que a memória põe em jogo é demasiado importante para deixá-la à mercê do entusiasmo ou da cólera"*⁷⁸.

76 Doutora em Literatura pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Identidades Culturais pela Universidade de Barcelona. Bolsista da Cátedra Edward Said da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Autora de A Lua do Oriente e Outras Luas – Biografia e seleção de poemas de Jamil Almansur Haddad (Ateliê Editorial, 2022), livro que é fruto de pesquisa premiada pela USP. Jornalista de ciência e roteirista. E-mail: queirozchris@gmail.com;

77 Bastani, T. J. O Líbano e os libaneses no Brasil. Rio de Janeiro: Estabelecimento de Artes Gráficas, 1945. p. 112-113;

78 Todorov, T. Los abusos de la memoria. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000. p. 15;

Todorov, Los abusos de la memoria

No final do século XVIII, os primeiros imigrantes árabes chegaram ao Brasil para fugir do Império Otomano e da presença cada vez mais intensa de potências europeias na região do Levante. A França, por exemplo, ocupava o Líbano desde 1918. Historicamente, o país também vivenciava conflitos entre grupos de diferentes etnias e religiões, especialmente entre os maronitas (cristãos conservadores defensores do nacionalismo pansírio) e os drusos (muçulmanos adeptos do nacionalismo árabe). Tendo como destino prioritário os Estados Unidos, esses viajantes passaram a optar pela Argentina ou pelo Brasil depois que aquele país proibiu a entrada de estrangeiros entre 1921 e 1924. A construção de um imaginário positivo sobre a imigração, que procurava aproximar os cristãos árabes da modernidade ocidental, mobilizando a ideia de que, no Ocidente, as oportunidades sociais e econômicas seriam melhores, também colaborou com o aumento de fluxos migratórios (Queiroz, 2022). Além disso, a viagem que o imperador Dom Pedro II (1825-1891) fez à região que atualmente é o Líbano, a Síria e a Palestina ajudou a configurar esse imaginário (Meihy, 2016).

Em artigo no qual compara as experiências de pessoas que chegaram aos Estados Unidos e ao Brasil (Truzzi, 2001), Oswaldo Truzzi, sociólogo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com estudos de referência sobre a diáspora árabe no país, descreve que pressões demográficas e econômicas na terra de origem motivaram sírios, principalmente cristãos, a imigrar às Américas. O autor relata que entre o final do século XIX e 1914, cerca de 86 mil pessoas aportaram nos Estados Unidos, enquanto o número registrado no Brasil foi de 60 mil, período que, segundo ele, recebeu o maior volume de viajantes com essas origens. Ao considerar que o fluxo migratório diminuiu durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o pesquisador contabiliza que mais de 42 mil imigrantes árabes chegaram ao Brasil entre 1920 e 1930. O artigo indica que, tanto localmente como nos Estados Unidos, “quase todos os homens e mulheres que imigraram entre 1890 e 1914 atuaram como mascates”, de forma que a mascateação constituiu “o fator mais fundamental” na assimilação dos árabes nas Américas (Truzzi, 2001). “Apesar das trajetórias em geral bem-sucedidas, é claro que nem todos os que vieram ao Brasil prosperaram e tornaram-se ricos. A ascensão econômica foi mais fácil para aqueles que vieram primeiro e foram capazes de identificar e preencher um nicho na economia paulista em crescimento”. (Truzzi, 2001, p. 115). Em capítulo do livro *Árabes y judíos en América Latina. Historia, representaciones y desafíos*, Truzzi se centra no caso brasileiro, afirmando que

sírios e libaneses vieram massivamente a São Paulo a partir da década de 1880 para substituir a mão de obra escravizada. Mais tarde, no final dos anos 1950, libaneses do Vale do Bekaa e de pequenas cidades do Sul do país também aportaram na cidade. Segundo o autor, tanto entre as primeiras levas quanto em fluxos tardios, o primeiro passo dos imigrantes no país de acolhida era trabalhar como mascate, atividade que funcionava como porta de entrada para estabelecer comércios populares de móveis e confecções (Truzzi, 2001).

As análises sociológicas de Truzzi foram precedidas por outros relatos, que também sustentam que os imigrantes foram incorporados às sociedades do novo país a partir da venda ambulante. Ao consolidar seus negócios, eles abriram lojas varejistas. Nas décadas de 1930 e 1940, esses forasteiros ascenderam ainda mais, passando a trabalhar no comércio atacadista e na indústria de transformação de artefatos têxteis. Diversos intelectuais imigrantes e seus descendentes, especialmente autores da segunda geração, contaram essa história tanto em relatos históricos como em narrativas ficcionais.

Um deles foi Tanus Jorge Bastani, autor de ascendência árabe nascido no Brasil em 1912, cuja biografia permanece quase desconhecida nos dias atuais. Bastani publicou inúmeros livros em português sobre a diáspora, a paisagem brasileira, além de obras de ficção e romances históricos, elaborando reflexões sobre o papel desempenhado por mascates na assimilação dos árabes à sociedade brasileira⁷⁹. Em obra na qual analisa a diáspora libanesa, ele afirma que o mascate foi inicialmente chamado de matraca, objeto formado por um pequeno pedaço de tábua quebrada ao meio, unida em partes iguais por uma dobradiça de couro (Bastani, 1945). Seu livro *O Líbano e os libaneses no Brasil* adota um olhar idealista e descreve o vendedor ambulante como um personagem corajoso e aventureiro:

Fugindo da sanha dos grandes senhores e dos fidalgos da Corte, embrenhavam-se pelo sertão, convivendo até com tribos de índios e levando vida selvagem. Mas não se davam por vencidos. Concubinados com mulheres índias, e mesmo com pretas escravas, formavam família nativa (...). O mascate vendia sua mercadoria fiado e ia até a Corte buscar qualquer pedido dos seus ilustres fregueses. Os escravos eram também seus amigos e, até hoje, muitos descendentes da raça negra ainda

⁷⁹ Um desses livros é *Memórias de um mascate – O soldado errante da civilização*. Rio de Janeiro: F. Briguie & Cia., 1949;

trazem nomes em memória daqueles mercadores: os Elias, os Jorge, os Isaías etc. (Bastani, T. J., 1945, p. 97).

O gesto desbravador do mascate também aparece como propósito em *Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil*, de Salomão Jorge (Jorge, 1948), outro autor de ascendência árabe com presença intensa em meios literários e jornalísticos de São Paulo de quem pouco ou nada sabemos. Na introdução da obra, o autor explica que o objetivo inicial era percorrer todo o país para contar a história de seu povo em diferentes lugares e “demonstrar o valor da colaboração da valorosa raça da qual descendendo para o desenvolvimento da civilização brasileira” (Jorge, S., 1948, p. 7). O ideal romântico que o levou a elaborar o livro se manifesta na descrição de cenas e personagens, como é o caso de Nami Jafet (1907-1968), industrial, político e banqueiro nascido no Líbano que desempenhou papel central entre a comunidade de sírios e libaneses do Brasil: “Ninguém mais do que ele amou a sua terra de origem, sem, entretanto, deixar de reconhecer o quanto devia ao grande país que escolheu para campo de sua vibrante e indomável atividade. Amou o Brasil como se fosse seu próprio filho” (Jorge, S., 1948, p. 13).

Já na esfera literária, em 1970, o escritor descendente de imigrantes libaneses Assis Férés, nascido em Belo Horizonte em 1912, publicou em português o poema *O Mascate*, composto por 13 cantos que associam a venda ambulante com questões metafísicas e espirituais (Feres, 2005). Férés, que escreveu livros e editou a revista *Laiazul* no Brasil e no Chile durante décadas, é outro autor desconhecido da segunda geração de imigrantes que merece mais atenção de pesquisas⁸⁰. Segundo o texto introdutório do livro, a obra é o canto épico de um personagem “cuja humildade tem sido olvidada e mal conhecida dentro da tradição americana” (Feres, 1970):

Inspirou este excelente poeta a vida tão áspera e esforçada do mencionado comerciante, que caminha um dia e outro através de todos os climas, através de todas as tempestades, exposto a inumeráveis perigos da selva inextricável, na qual cada passo é um triunfo sobre alimárias ferozes – humanas ou irracionais, que povoam com instintos primitivos os rincões mais apartados da civilização (Feres, A., 1970, p.1).

⁸⁰ Opázia Chain Feres defendeu tese de doutorado pioneira sobre o poeta na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) no ano 2000, sob o título Recuperação de uma obra: O Mascate - poema de Assis Férés: <https://repositorio.usp.br/item/001121567/>

A fabulação e as narrativas em torno da figura do mascate têm sido mobilizadas por décadas e aparecem, também, em *Nur na Escuridão*, do escritor Salim Miguel (1924-2016). Imigrado ao Brasil com três anos, na obra, o autor conta a história de sua família valendo-se de recursos ficcionais, destacando o trabalho de mascateação como fundamental à assimilação na sociedade de acolhida:

(...) não importa o que uma pessoa tenha sido ou queira ser, pouco importam sonhos, desejos, aspirações, fantasias. Ao chegar ao Brasil, libaneses e sírios, árabes em geral, começam mascateando, trouxas ao ombro, sorri e acrescenta, só bem mais tarde irão tomar o conhecimento do outro significado da palavra trouxa. Se estão se dando bem e o mascatear dá certo, vão deixar de ser trouxas, não demora adquirem um cavalo, uma carrocinha, depois podem ter uma vendola. (Miguel, S., 2008).

Por escrever em português e francês, traduzir do árabe, circular entre o Brasil e a França e entre diferentes tendências literárias e grupos de escritores, o poeta, médico, tradutor e crítico literário brasileiro de ascendência libanesa Jamil Almansur Haddad também se considerava o "caixeiro viajante da poesia", conforme atestam os relatos de pessoas que o conheceram. Em seus versos, há uma aproximação entre a figura do poeta e a do profeta (Queiroz, 2022). Livros como *Aviso aos navegantes ou a Bala adormecida no bosque* (Ciências Humanas, 1980) trazem versos em que o profeta também é poeta e vice-versa. Assim como os mascates, esse personagem perambula por diferentes contextos históricos, levando em sua caixa de mercadorias a palavra poética, que ora canta as mazelas de Lampião e seu bando, ora exalta os logros de deuses astecas e de Buda e ora se compadece com os destinos de operários em fábricas do país. No imaginário criado por Haddad em torno da imagem do poeta-profeta parece emergir, também, a figura do caixeiro viajante: o mascate perambula para vender mercadorias, o profeta para cantar os destinos de seu povo e o escritor para espalhar sua palavra poética. Em uma associação que deve ser melhor investigada, essa triangulação entre os três personagens parece estar presente, também, no poema *O Mascate*, de Féres.

Ainda no campo do imaginário, partimos para produções cinematográficas recentes e observamos a presença do mascate em grande parte dos 30 curtas-metragens do concurso "Os Árabes e a 25 de Março", organizado pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira (CCAB) e o Instituto da Cultura Árabe (ICArabe), em 2014. O vencedor do certame, o filme *Arabescos*:

do mascate ao doutor, dirigido por Beatriz Le Senechal, traz relatos sobre o centro da cidade de São Paulo e a organização de negócios familiares. “Na primeira geração, todos trabalhavam nas lojas, menos os rebeldes. A segunda geração foi para a universidade e nem árabes e nem judeus sobraram para tomar conta das lojas que, em 2014, começaram a ser ocupadas por coreanos”, comenta Rubens Anauate, um dos personagens do documentário que, à época, era membro da diretoria do Club Homs. Fundado em 1920 por jovens oriundos da cidade libanesa, a instituição funciona como ponto de encontro da comunidade árabe⁸¹, contando com um acervo importante de livros e revistas que foi pouco pesquisado até o momento⁸². Em seu depoimento, Anauate explica que em negócios de árabes na 25 de Março e também de judeus na rua José Paulino, ambas no centro da cidade de São Paulo, os comerciantes costumavam viver nos andares de cima, instalando suas lojas em pisos inferiores. No relato, a ideia de uma geração de imigrantes que ascendeu econômica e socialmente impulsionada pela venda ambulante é reiterada. Além disso, ele menciona o caráter conservador de sua comunidade, que gostava de “ostentar casas faraônicas para que os outros se dessem conta de seu sucesso”.

Em entrevista realizada com Beatriz Le Senechal em agosto de 2023, ela falou sobre a gravação do depoimento de Anauate, falecido em 2014, que aconteceu na sede do Club Homs. “Rubens me recebeu em uma sala com objetos entalhados em madrepérola. Depois, passamos para outro ambiente com decoração clássica, quando ele abordou os gostos e as características tradicionais dos imigrantes”, comentou a diretora.

Sem a pretensão de fazer um mapeamento exaustivo da mobilização da figura do mascate em produções acadêmicas e culturais, observamos que o comércio ambulante tem sido retratado como sendo o marco zero da história dos árabes no Brasil. E a trajetória desse imigrante-caixeiro viajante que aparece em distintas produções parece seguir um roteiro similar. No início, quando chega ao país, o personagem tem como única opção viável de sobrevivência a mascateação. Assim, o primeiro passo para sua entrada na nova sociedade é perambular pelo vasto território brasileiro a pé, em burros

81 <https://serieavenidapaulista.com.br/2023/07/17/homs-o-clube-na-avenida-paulista/> - Acesso em 20/12/2023;

82 O arabista Islam Dayeh, da Freie Universität Berlin, na Alemanha, desenvolve atualmente pesquisa sobre a história intelectual de imigrantes árabes nas Américas e está trabalhando com esse acervo;

ou cavalgando, vendendo mercadorias e desbravando áreas inexploradas e perigosas. O mascate atende ricos e pobres, consegue objetos únicos para seus fregueses, incluindo pessoas escravizadas, e dorme ao relento para garantir o pão para a família no retorno de percursos extenuantes. Depois de muito suor e trabalho, esse herói errante reúne dinheiro suficiente e monta uma loja, onde emprega filhos e familiares que, mais tarde, conquistam a tão esperada ascensão econômica, fundamental para completar o ciclo de integração no tecido social brasileiro. Por meio dessa narrativa, a mascateação tornou-se o principal elemento definidor da identidade do imigrante sírio-libanês no imaginário brasileiro (Gattaz, 2012). No livro *A Lua do Oriente e Outras Luas*, observo como a figura romântica do vendedor ambulante passou a ser associada com a dos bandeirantes em produções literárias. Ambos “se aventuravam por zonas inhóspitas e ajudavam a alargar as fronteiras do Brasil” (Queiroz, C. S. d., 2022, p. 38). Para Samira Adel Osman, historiadora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a mitologia do mascate ancorou um processo de reinvenção do sentimento de arabiadade: “A associação entre imigração árabe e a figura do mascate oscila entre a realidade do fato e a construção do mito, tratada como uma trajetória linear de sucesso na qual os imigrantes chegaram pobres, analfabetos e mascates e tornaram-se ricos, letrados e doutores” (Osman, S. A., 2015, p.111).

Com base em obras de autores como Bastani, Jorge, Assis e Haddad, podemos afirmar que autores híbridos, de segunda ou terceira gerações, desempenharam papel preponderante na criação da fabulação sobre o mascate, encontrando nela o mito fundador da diáspora árabe no Brasil. A figura desse personagem também se fez presente em análises científicas, que demonstraram aspectos históricos da chegada desses imigrantes. Porém, onde termina a realidade do fato e onde começa a construção da fantasia? Mais do que explicar a história com base na trajetória de mascates, queremos compreender que elementos históricos e sociais moldaram a construção do mito.

Um Oriente para os brasileiros

A pesquisa em curso no acervo do Instituto da Cultura Árabe (ICArabe) tem permitido levantar hipóteses preliminares. Criado em 2003 depois da morte de Edward Said (1935-2003), na esteira de processos desencadeados após os ataques do 11 de setembro em Nova York, nos Estados Unidos, o

instituto busca “integrar, estudar e promover as várias formas de expressão da cultura árabe, antigas e contemporâneas, e encorajar o reconhecimento de sua presença na sociedade brasileira”⁸³. Sua coleção é composta por revistas, jornais, filmes projetados nas edições da Mostra Mundo Árabe de Cinema, cartazes, material institucional, livros de autores como Elias Farhat, Nicolas Maluf, Nagib Haddad, Jamil Maluf, Ragi Basile e Mikhail Naimy, além de fotografias, documentos, entre outros itens, sendo que apenas parte do material está catalogada.

Dos objetos do acervo, alguns dos destaques são as revistas literárias e jornalísticas produzidas pela comunidade de imigrantes e seus descendentes, que estão organizadas e foram digitalizadas pelo Projeto de Digitalização da Memória da Imigração Árabe no Brasil, realizado desde 2018 pela Universidade do Espírito Santo de Kaslik (Usek), no Líbano, em parceria com a Câmara de Comércio Árabe-Brasileira (CCAB), em São Paulo. A coleção é composta pelas publicações *A Vinha*, com números em árabe publicados dos anos 1920 a 1940; *Almanara*, também escrita em árabe e com edições de 1901 a 1906; *Etapas*, com números da década de 1960 e majoritariamente escritas em português; *Laiazul*, com artigos em português e espanhol; *Notícias da Guerra*, escrita em português e árabe; *O árabe ouvinte*, editada em árabe; *Revisa Homs 50 anos*, com textos em árabe; e por fim, a revista *O Oriente*, com artigos escritos principalmente em português e números que vão dos anos 1940 a 1970, contemplando a coleção quase completa da revista.

Longe de serem publicações isoladas que funcionavam para discutir e disseminar assuntos de interesse específico da comunidade de imigrantes, as revistas abordam temas da geopolítica global, cobrem guerras e conflitos, tratam de questões políticas e literárias do Oriente Médio e do Brasil, entre outros temas. As edições podem, inclusive, serem consideradas um desdobramento do Renascimento Árabe ou *Nahda*. No final do século XVIII, a busca por se distanciar do Império Otomano e de potências coloniais também abarcou um movimento de reinvenção das formas de expressão literária. Para o arabista espanhol Juan Vernet, o Renascimento Árabe começou em 1797 com a ocupação napoleônica do Egito (Vernet, 2002). Porém, outros estudiosos, como o também espanhol Bernabé López García, afirmam que o Renascimento Árabe teve início mais tarde, entre 1882 e 1905, quando os

83 <https://icarabe.org/quem-somos> - acesso em 3/12/2023;

árabes entraram em contato com a literatura europeia, “adquiriram consciência do próprio valor e se colocaram o problema da sua decadência” (López Garcia, 1997, p. 230).

Como parte desse movimento, imigrantes árabes que chegaram à América Latina e aos Estados Unidos nesse período começaram a editar jornais, revistas e livros e formaram ligas literárias, em diálogo com os processos que se desenvolviam no Oriente Médio. Essas produções foram chamadas de literatura do *mahjar* – termo árabe que faz referência às terras de imigração nas Américas. No texto *El mahyar del ayer al hoy: dimensión literaria y cultural*, a pesquisadora e arabista espanhola Rosa-Isabel Martínez Lillo⁸⁴ afirma que a nostalgia pela terra dos antepassados, a busca por liberdade e a exaltação da identidade árabe são características marcantes das primeiras produções literárias de imigrantes nas Américas (Martínez Lillo, 2008). Em um esforço por mapear o que se chamou de literatura árabe do Brasil, em 1959 Jorge S. Safady publicou uma antologia e identificou que, até meados dos anos 1940, o país contava com aproximadamente 400 escritores e poetas árabes em atividade (Safady, 1949). Outro dado significativo sobre a pujança dessa produção literária indica que 95 jornais e revistas árabes circulavam em território nacional em 1933 (Souza, 2010), ano em que a Liga Andalusina foi fundada⁸⁵. Reunindo cerca de 30 autores, o grupo é considerado o desdobramento mais importante dos literatos árabes na América do Sul e faz referência a Al-Andalus, período histórico que “foi interpretado, manipulado e combatido a tal ponto que mitologias sobre o passado acabaram por se transformar em novas narrativas” (Civantos, C., 2017, pgs. 6-7). Para o pesquisador italiano Alberto Sismondini⁸⁶, a liga nasceu com a intenção de arejar a literatura árabe da imigração produzida no Brasil, até então centrada em temas da poesia clássica e no elogio a personalidades cultuadas pela comunidade (Sismondini, 2017).

84 Docente na Facultad de Filosofía y Letras da Universidad Autónoma de Madrid (UAM), na Espanha. Filha do arabista Pedro Martínez Montávez, catedrático emérito de Estudios Árabes e Islam na mesma instituição e que desenvolveu estudos pioneiros sobre a imigração árabe às Américas;

85 Naquela época, a Liga era conhecida por Liga Andaluza, como tradução do árabe Al usbah alandalusiyya. Porém, no meu livro A Lua do Oriente e Outras Luas, traduzimos seu nome para Liga Andalusina para fazer referência ao estado árabe islâmico da Península Ibérica e não à província de Andaluzia, que integra o estado espanhol;

86 Professor no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Coimbra, em Portugal;

Um dos pioneiros em analisar as relações entre as ligas literárias da América do Sul e o Renascimento Árabe, o arabista espanhol Pedro Martínez Montávez afirma que a Liga Andalusina se formou depois da visita do poeta espanhol Francisco Villaespesa a São Paulo, em 1930, quando ele se aproximou do autor libanês Fawzi Maluf e de outros intelectuais. Analisando os registros desse encontro, Montávez nota uma “fascinação mútua” e “certa carga de exotismo” dos autores ao comentar sobre os respectivos trabalhos (Martínez Montávez, 1990). Entre os membros da liga, a reinvenção do passado foi marcada pela criação de um imaginário conservador, que procurava preservar a tradição, manifestando “uma nostalgia eterna por al-Andalus, que não pode ser sanada” (Martínez Montávez, p., 1990, p. 52). Montávez menciona declarações de Habib Masud, primeiro chefe de redação da revista editada pelo grupo, que defendia a aproximação com o imaginário de al-Andalus como forma de se afastar da poética de imigrantes instalados nos Estados Unidos, considerados radicais em seu rechaço às tradições árabes. O apreço à tradição prevaleceu em autores de ascendência árabe que formaram novas ligas literárias a partir dos anos 1970, entre elas o Círculo Literário Árabe do Brasil, fundado em 1979: “Como los integrantes de la Liga Andalusina, ese nuevo grupo produce poesía de carácter tradicional [...], canta aquella nostalgia, al hanin [a saudade], y trata los temas del nacionalismo y del arabismo” (Martínez Montávez, p., 1990, p. 56).

Em palestra proferida no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) em 2023, o arabista e pesquisador Islam Dayeh, da instituição alemã Freie Universität Berlin, abordou os resultados preliminares de pesquisa envolvendo os escritores do *mahjar* que, segundo sua classificação, abrange autores que publicaram entre 1890 e 1950. “A decisão da liga de adotar al-Andalus como nome para si mesma e para suas publicações refletiu o desejo de se identificar com o passado andaluz-hispânico, que ela acreditava compartilhar com a cultura latino-americana”, argumentou o pesquisador durante a conferência. De acordo com Dayeh, essa identificação se evidencia na poesia elaborada pelo grupo, “que emula temas, expressões poéticas e gêneros estilísticos da poesia árabe de al-Andalus”. “Eles imaginavam al-Andalus como um lugar de saudade, da personificação da inocência e da beleza natural”, comentou. Na mesma conferência, o poeta, arabista e tradutor Michel Sleiman, da Universidade de São Paulo (USP), situou a pesquisa de Dayeh em um campo de estudos que começou a ser formulado depois da publicação, em 1982, do livro *A poesia árabe moderna e o Brasil*, escrito pelo jornalista argelino Slimane Zeighidour (Zeighidour, 1982). Sleiman

considera que apesar da descontinuidade dos estudos e do pouco conhecimento que temos hoje sobre a produção intelectual dos imigrados árabes (...) o tema constitui um campo de estudos incipiente e potencialmente promissor", na medida em que permite entender o pensamento corrente naquela época entre os países árabes, assim como traz elementos para refletir sobre a configuração do tecido social brasileiro.

Uma das publicações mais longevas desse cenário é a revista *O Oriente*, editada a partir de 1930 durante quatro décadas. Nela, autores de diversas procedências, incluindo brasileiros e escritores com ascendência árabe, publicavam textos sobre questões jurídicas, políticas e diplomáticas, bem como análises literárias e notas sobre a vida social da comunidade. Nesses textos, se sobressaem os esforços de autores para pensar um projeto político e educacional para o Brasil e para apresentar assuntos caros ao Oriente Médio para o público local, entre eles a independência da Síria ou os embates envolvendo a questão palestina.

Fundador e diretor da publicação, Mussa Kuraiem nasceu em São Paulo, falava árabe e português e era "um filho de estrangeiros que se reconheceu brasileiro" (*O Oriente*, jun. - jul., 1946, p.2). Vivia entre o Brasil e países do Oriente Médio, onde participava de conferências e reuniões acadêmicas e políticas. Quando lançou a revista, seu propósito era de criar coesão entre os imigrantes árabes e estreitar laços com a sociedade brasileira:

Os futuros historiadores da atuação social dos sírios e libaneses do Brasil dirão, sem o menor receio de contestação, que a sociabilidade dos levantinos paulistas está ligada estritamente a este magazine (...). O interesse era criar uma vida social para os sírios e libaneses com o único escopo de estreitar mais os laços de amizade que uniriam os dois povos, o brasileiro e o árabe (*O Oriente*, jun.-jul., 1946, p. 2).

Como parte do esforço de traduzir temas do Oriente para o leitor brasileiro, em dezembro de 1946 Kuraiem editou um número especial sobre a questão palestina, no qual abandona o discurso apaziguador e diplomático característico de outros textos e adota um tom belicoso, fazendo duras críticas ao projeto de criação do Estado de Israel: "Nenhum poder do mundo será bastante forte para dividir nossa raça e obrigá-la a entregar a Palestina aos judeus. Nós sempre vivemos em paz com os israelitas, mas jamais consentiremos que eles se tornem nossos senhores" (*O Oriente*, dez. 1946, p.5).

Entre outras obras, Kuraiem é autor dos livros *Impressões de viagem*, *Brasil e Oriente*, *Verdade nua e crua*, *Recordações de Emir Amin Arslán*, *Aconteceu em Damasco* e *Os Califas de Bagdá*, esse último um “poema não rimado, lindo Alhambra de frases em terras do Brasil” (*O Oriente*, ago. 1946, p.8). Muitos desses trabalhos eram divulgados em *O Oriente* que, ademais, era utilizada por seu diretor para agradecer convites de casamento e doações realizadas à revista por empresários que enriqueceram atuando na indústria têxtil. Especialmente em números das décadas de 1940 e 1950, grande parte dos anúncios publicitários eram de empresas, indústrias e lojas do ramo de tecidos. Por meio desses anúncios, percebe-se a presença indireta daqueles mascates que enriqueceram e prosperaram com a venda ambulante e, agora, patrocinavam uma publicação disposta a ecoar as suas histórias e a disseminar os seus valores entre a sociedade brasileira. A edição de abril de 1946, por exemplo, exalta os sírios vivendo em São Paulo, afirmando que: “(...) a sua vida, a sua moral familiar e religiosa, o seu amor ao trabalho e respeito às leis (...). Não encontrará desocupados, nem desordeiros, nem mendigos, nem parasitas, mas só gente que trabalha, que vive do trabalho, de São Paulo para São Paulo, em prol da grandeza do Brasil” (*O Oriente*, abril, 1946, p. 34). Ao lado de análises aprofundadas sobre política e sociedade, a revista também cobria a atuação de clubes, como o Homs ou o Monte Líbano, festas de carnaval frequentadas pela comunidade, a visita de políticos e diplomatas sírios, libaneses e egípcios, eventos da vida da alta sociedade⁸⁷ e a atuação de cardeais.

As relações próximas entre escritores, empresários e políticos também se evidenciam nas inúmeras coberturas de festas e eventos realizados pela revista, nos quais nota-se, por exemplo, o célebre poeta Chafiq Maluf (1905-1976) lado a lado de ministros libaneses (*O Oriente*, fev.-mar., 1946), enquanto outro texto aborda a recepção organizada pelo escritor Felipe Lutfala em seu palacete para acolher um ministro egípcio (*O Oriente*, set.-out., 1946). Outra celebração, da qual participaram políticos iranianos, mostra Kuraiem proferindo uma palestra na Associação Brasileira de Imprensa para falar sobre o poeta árabe Abu Nuwas (756-814 d.c.). Na ocasião, Kuraiem exalta a emoção e o misticismo dos versos de Nuwas, sem resvalar nos aspectos profanos e libertinos de sua poesia (*O Oriente*, jun.-jul. 1946).

⁸⁷ O número de novembro de 1946, por exemplo, dedica 15 páginas para cobrir o casamento de Nelly Maluf e Ricardo Jafet.

Nesses e em outros momentos, a revista pretende apresentar o Oriente ao público brasileiro desconstruindo imagens estereotipadas. Em editorial publicado em agosto de 1946, Kuraiem reclama que a civilização árabe “não obstante ser titular das mais nobres tradições e ter desempenhado tão brilhante papel na propagação da cultura mundial, mesmo assim ainda é tida, pelos ignorantes (...) como bárbara e constituída por beduínos afeitos às aventuras dos desertos” (*O Oriente*, ago., 1946, p.1). Mas, ao mesmo tempo em que sai em defesa da desconstrução de imagens negativas em seus editoriais, números especiais e relatos detalhados de viagens realizadas a países como Líbano e Egito, *O Oriente* publica em suas capas e contracapas pinturas orientalistas de odaliscas e haréns (*O Oriente*, nov. 1946), além de imagens idílicas do Alhambra, em Granada, que acabam reforçando estereótipos relacionados com o imaginário sobre os árabes. Com isso, podemos afirmar que a revista apresentava o mundo árabe para o público brasileiro por meio de um olhar ambivalente.

Das páginas de *O Oriente*, podemos depreender que as relações próximas entre intelectuais, comerciantes e políticos colaboraram com o financiamento e a pujança de revistas e jornais editados pela comunidade árabe no Brasil. Por outro lado, as relações imbricadas entre autores e empresários também podem ter influenciado a criação de narrativas idealizadas sobre esse grupo migratório, sendo a mais premente aquela segundo a qual os viajantes chegaram totalmente desprovidos ao Brasil, desbravaram suas fronteiras selvagens por meio do comércio ambulante até conseguirem juntar dinheiro e ascender de classe social. Fazendo um paralelo com as características de outro fluxo diaspórico, em *A inexistência da terra firme – A imigração galega em São Paulo (1946-1964)*, sobre os galegos em São Paulo, a historiadora Elena Pájaro Peres pesquisou documentos de associações e clubes, identificando como essas instituições buscavam influenciar o discurso dos imigrantes sobre sua identidade. Segundo ela, desde a década de 1950, o governo espanhol estimulava os galegos no Brasil a se reunirem em torno de um só clube, como forma de controlar a narrativa e a construção do imaginário sobre essa imigração, deixando de lado comportamentos divergentes no processo de construção dessa memória: “Decidia-se sobre a imagem da imigração a ser veiculada e sobre o discurso a ser proferido” (Peres, E. P., 2003, p. 325).

Assim, sustentamos que elementos como as relações imbricadas entre empresários, políticos, escritores e intelectuais, a apropriação poética da figura do mascate, as revistas e as biografias de autores pouco conhecidos

abrem novos caminhos de reflexão sobre o processo de construção da memória da diáspora árabe no Brasil. Nesse movimento, materiais inéditos como a coleção do ICArabe podem desempenhar papel central. É preciso, no entanto, realizar o tratamento arquivístico desse acervo, de forma a garantir a sua preservação e torná-lo acessível a pesquisadores de áreas diversas.

Referências bibliográficas

- Akmir, A. (coord). *Contribuciones árabes a las identidades iberoamericanas*. Madri: Espanha, Casa Árabe-IEAM, 2009;
- Bastani, T. *Memórias de um mascate – O soldado errante da civilização*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1949;
- Bastani, T. J. *O Líbano e os libaneses no Brasil*. Rio de Janeiro: Estabelecimento de Artes Gráficas, 1945;
- Civantos, C. *The afterlife of al-Andalus: Muslim Iberia in contemporary Arab and Hispanic narratives*. Albany: State University of New York Press, 2017;
- Feres, O. C. *Um poeta teólogo*. Rio de Janeiro: Recorte – Revista de Linguagem, Cultura e Discurso. Ano 2, n. 2, 2005;
- Feres, A. *O Mascate*. São Paulo: LaiazuL, 1970;
- Gattaz, A. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. Salvador: Editora Pontocom, 2012;
- Gattaz, A. e Fernandez, V. P. R. (orgs.). *Imigrações e imigrantes: Reflexões e Experiências*. Salvador: Editora Pontocom, 2015;
- Haddad, Jamil Almansur. *Aviso aos navegantes ou A bala adormecida no bosque – O primeiro livro das Suratas*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980;
- Jorge, S. *Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil*. São Paulo: Sociedade Impressora Brasileira, 1949;
- Klich, I. (comp). *Árabes y judíos en América Latina. Historia, representaciones y desafíos*. Buenos Aires: Siglo XXI- Editora Iberoamericana, 2006;
- López García, B. *El mundo Árabo-Islámico: Una Historia Política*. Madri: Editorial Síntesis, 1997;
- Martínez Montávez, P. *Literatura árabe de hoy*. Madri: Serie Estudios 4, CantArabia, 1990;
- Meihy, M. *Os Libaneses*. São Paulo: Contexto, 2016;

Miguel, S. *Nur na Escuridão*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 96;

Queiroz, C. S. de. *A Lua do Oriente e Outras Luas – Biografia e seleção de poemas de Jamil Almansur Haddad*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022;

Peres, E. P. *A inexistência da terra firme – A imigração galega em São Paulo (1946-1964)*. São Paulo: Edusp/FAPESP/Imprensa Oficial do Estado, 2003;

Safady, J. S. *Antologia árabe do Brasil*. São Paulo: Editora Comercial Safady, 1949;

Sismondini, A. *Arabia Brasilica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017;

Souza, M. C. *A Imprensa imigrante. Trajetória das comunidades imigrantes em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010;

Todorov, T. *Los abusos de la memoria*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000;

Truzzi, O. *O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – Um enfoque comparativo*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, n. 27, 2001;

Vernet, J. *Literatura árabe*. Barcelona: El Acantilado, 2002;

Zeighdour, S. *A poesia árabe moderna e o Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982;

Revista O Oriente – Edições:

Fevereiro-março, 1946.

Abri, 1946.

Junho-Julho, 1946.

Agosto, 1946.

Setembro-outubro, 1946.

Novembro, 1946.

Dezembro, 1946.

Sites

<https://serieavenidapaulista.com.br/2023/07/17/homs-o-clube-na-avenida-paulista/>

<https://icarabe.org/quem-somos>

Entrevista

Beatriz Le Senechal

